



UNEB - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
CURSO: LICENCIATURA EM LETRAS VERNÁCULAS

DAIANE DOS SANTOS SATURNINO
MAIARA OLIVEIRA SANTOS

O subúrbio e a mulher em *Clara dos Anjos* de Lima Barreto

Jacobina – BA

2015

DAIANE DOS SANTOS SATURNINO

MAIARA OLIVEIRA SANTOS

O subúrbio e a mulher em *Clara dos Anjos* de Lima Barreto

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Letras Vernáculas da Universidade do
Estado da Bahia – UNEB como requisito
para a obtenção do grau de licenciado,
sob a orientação da Profa. Dra. Elizabeth
Gonzaga Lima.

Jacobina – BA

2015

DAIANE DOS SANTOS SATURNINO

MAIARA OLIVEIRA SANTOS

O subúrbio e a mulher em Clara dos Anjos de Lima Barreto

Este estudo monográfico foi apresentado no ___ do mês ____ de ____ como requisito para a obtenção do grau de licenciado da Universidade do Estado da Bahia – UNEB -, tendo sido aprovada pela banca examinadora composta pelos professores.

BANCA EXAMINADORA

Prof. ^a Dr^a Elizabeth Gonzaga de Lima – UNEB/DCH – Campus IV (Orientadora)

Prof. ^a Ma. Eumara Maciel dos Santos – Universidade Federal do Oeste da Bahia
(Examinadora)

Prof.^o Me. Joaquim Gama de Carvalho UNEB/DCH – Campus IV (Examinador)

A todos que fizeram desse sonho real, nos proporcionando forças para seguir em frente e não desistir. Enfrentamos muitos obstáculos durante esses últimos anos, mas graças a Deus e a nossa família que conseguimos chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia.

Agradeço também à Profa. Dra. Elizabeth Gonzaga de Lima pela paciência na orientação e incentivo que tornou possível a conclusão desta monografia.

A maior recompensa pelo nosso trabalho não é o que nos pagam por ele, mas aquilo em que ele nos transforma.

John Ruskin

RESUMO

O conceito de uma literatura Negra é muito recente no cenário literário brasileiro. Dentre os romancistas brasileiros, considerados representantes dessa literatura, destaca-se Lima Barreto, que mesmo sem autoproclamar-se um escritor afro-brasileiro foi incluído nessa literatura pelo caráter de denúncia social de sua produção literária. O escritor tornou-se a voz dos menos favorecidos, como demonstra o romance *Clara dos Anjos* (1948). Nele, o escritor ficcionaliza as dificuldades de uma jovem mulher negra e suburbana, vivendo em uma sociedade racista e excludente. Buscou-se examinar, a partir dessa observação, de que maneira a narrativa de Lima Barreto, no romance analisado, denuncia os preconceitos existentes no período entre os séculos XIX-XX. O trabalho escolheu como recorte para a investigação a trajetória da personagem Clara dos Anjos e as experiências de preconceito vivenciadas por ela, como forma de representação da voz de muitas mulheres do período, que assim como Clara, sofriam opressões pela condição de mulher, de suburbana e por ser negra.

PALAVRAS-CHAVE: Lima Barreto. Literatura afro-brasileira. Clara dos Anjos. Mulher suburbana.

ABSTRACT

The concept of a Black literature is very recently in the Brazilian literary scene. Among the Brazilian novelists, considered representatives of the literature, stands out Lima Barreto, even without him proclaim himself to be an african-Brazilian writer he was included in this literature the character of social denunciation of his literary production. The writer became the voice of the disadvantaged, as demonstrated by the romance *Clara dos Anjos* (1948). Through it, the writer fictionalizes the difficulties of a black and suburban young woman living in a racist and excludent society. The aim was to examine, from this observation, how the story by Lima Barreto, in the analyzed novel, denounces the existing prejudices in the period between the XIX-XX centuries. The work selected as cropping for the investigation the history of the character Clara dos Anjos and the prejudice of experiences lived by her as a way to voice representation of many women of the period, as Clara, suffers oppression for condition of woman, suburban and being black.

KEYWORDS: Lima Barreto. African-Brazilian literature. Clara dos Anjos. Suburban woman.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

REIC	Recordações do Escrivão Isaías Caminha
MNUCAR	Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial
MNU	Movimento Negro Unificado

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. LITERATURA E SOCIEDADE NA PRODUÇÃO DE LIMA BARRETO	13
1.1 LIMA BARRETO, ESCRITOR AFRO-BRASILEIRO?.....	15
1.2. LIMA BARRETO: A VOZ LITERÁRIA DO SUBÚRBIO E DOS EXCLUÍDOS	22
1.3 À MARGEM SOCIAL: A MULHER SUBURBANA NA OBRA DE LIMA.....	26
2. CLARA DOS ANJOS: REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA E SUBURBANA	29
2.1. LIMA BARRETO E AS CONSTRUÇÕES FICCIONAIS DE <i>CLARA DOS ANJOS</i>	29
2.2. AS QUIMERAS ROMÂNTICAS DE CLARA DOS ANJOS	38
2.3. O “TRISTE FIM” DE CLARA DOS ANJOS	41
CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS.....	49

INTRODUÇÃO

Lima Barreto foi considerado pela historiografia literária um escritor pré-modernista, em virtude de ter desenvolvido sua obra entre os séculos XIX-XX, intervalo entre o fim do realismo e o início do Modernismo. Avesso à literatura descompromissada de sua época, elaborada por escritores como Afrânio Peixoto e Coelho Neto, pautou seu discurso na denúncia contra as disparidades sociais e os preconceitos raciais existentes na sociedade do período. Oriundo de uma família humilde, o escritor deixou patente em sua escrita, a sua origem negra, pobre e de morador do subúrbio. Dessa maneira, suas obras retratam inúmeros preconceitos vivenciados por ele, tal como suas personagens.

Uma das obras de destaque no conjunto de sua produção foi *Clara dos Anjos* (1948). A obra teve início em 1904, sendo que a primeira versão inacabada encontra-se em seu *Diário Íntimo*. A segunda versão foi um conto com mesmo título, presente na coletânea de contos *Histórias e Sonhos* (1920). A terceira e última versão, o romance completo, concluiu-se no ano de sua morte, em 1922, sendo publicada postumamente.

A partir dessas observações, esse trabalho investigou o tema do subúrbio e da mulher no romance *Clara dos Anjos* de Lima Barreto. Dessa forma, iremos analisar de que maneira o autor descreveu o subúrbio, os seus aspectos físicos e os preconceitos vivenciados por aquelas pessoas que foram expulsas do centro antigo do Rio de Janeiro e levadas para as periferias, no caso, o subúrbio, para viver em condições ainda mais precárias do que a anterior. A partir do romance, é possível observar que Lima Barreto se opôs às injustiças cometidas contra os menos favorecidos, incluindo nesse grupo, as questões ligadas ao tratamento da mulher na sociedade carioca do período.

No romance *Clara dos Anjos* o escritor apresenta a mulher suburbana como personagem marginalizada, denunciando a ausência de seus direitos, mas, ao mesmo tempo obrigadas a cumprir somente deveres. Diante disso, investigaremos as inquietudes que o autor manifesta nessa obra, ao mostrar-se contra a opressão sofrida tanto pelas mulheres quanto pelos negros ao longo de *Clara dos Anjos*

(1948), procurando compreender de que maneira o escritor trouxe para a literatura o espaço do subúrbio, que se tornou espaço de exclusão da cidade do Rio de Janeiro, e dentre as personagens desse lugar, as mulheres, principalmente as negras que vivenciavam com maior intensidade o preconceito. Vale destacar, que pela primeira vez na literatura brasileira, o subúrbio torna-se um espaço literário.

O objetivo geral do trabalho analisa a trajetória da personagem Clara dos Anjos, buscando entender de que maneira Lima Barreto, por meio da protagonista, denuncia as mazelas e os preconceitos existentes em sua época. Com relação aos objetivos específicos, examinaremos a maneira como Lima Barreto descreve a realidade social no romance *Clara dos Anjos* e a problemática do preconceito racial e social.

A pesquisa está dividida em dois capítulos: o primeiro intitulado, “Literatura e sociedade na produção de Lima Barreto”, discutimos de que maneira o escritor, através de sua ficção, trouxe para a literatura a representação das pessoas marginalizadas pela sociedade do Rio de Janeiro de fins de século XIX, como os negros e os suburbanos e, em especial, as mulheres. A fim de embasar as discussões foram utilizados os estudos de Alfredo Bosi na *História Concisa da Literatura Brasileira* (1983), Nicolau Sevcenko em *Literatura como Missão* (1989), Eliane Vasconcellos *Entre a agulha e caneta* (1999), Maria do Carmo Lanna Figueiredo com *O romance Lima Barreto e sua Recepção* (1995) e Antonio Candido com *Literatura e Sociedade* (2006).

No segundo capítulo, sob o título, “Clara dos Anjos: Representação da mulher negra e suburbana” analisamos as três versões de *Clara dos Anjos* a fim de compreender de que maneira o escritor construiu a personagem. Discutimos ainda as quimeras românticas da protagonista, ou seja, o imaginário que Clara demonstrava acerca do amor, observando suas atitudes nesse sentido no decorrer da narrativa, o que terminou decretando seu triste fim.

Nas considerações finais destacamos a literatura de Lima Barreto, procurando mostrar a importância do romance *Clara dos Anjos* e da literatura barretiana.

1. LITERATURA E SOCIEDADE NA PRODUÇÃO DE LIMA BARRETO

Um dos papéis que a literatura desempenha é difundir ideias, culturas, configurando-se como uma espécie de arquivo de diversas épocas. Em sua história, temos um rico acervo de mudanças vivenciadas pela sociedade ao longo dos anos. Quando refletimos acerca da literatura, não temos como desvinculá-la da sociedade, pois, é a partir do meio social que surgem as necessidades, e as inquietações que vão converter-se em temas a serem discutidos. É na sociedade que surgem as mudanças que irão refletir na literatura, dependendo do contexto sociocultural e histórico do momento em que se encontra.

O escritor Lima Barreto que era um dos adeptos do pré-modernismo vem romper com o modelo de literatura vigente marcada por não abranger questões sociais, buscando representar em suas obras questões que antes eram esquecidas. Sua literatura é contemporânea a grandes mudanças sociais brasileiras, como a Abolição da Escravatura, a proclamação da república, e as transformações urbanas no Rio de Janeiro, por esta razão suas obras foram muito influenciadas por todas essas transformações, e foi um dos principais motivos para que o subúrbio estivesse presente em suas obras.

Na época em que Lima Barreto escreveu seus livros, ainda era recente a implantação da lei Áurea, os negros tinham sua liberdade há pouco tempo, e estavam vendo quais possibilidades estavam disponíveis para seguir, que rumo tomar na vida. O conceito de literatura negra não existia, e Lima Barreto tentava entrar na academia Brasileira de Letras. O romancista nunca se autoproclamou um escritor afro-brasileiro, por essa nomenclatura não estar presente em sua época, porém nunca se omitiu em relação a sua origem e nem aos problemas vivenciados pela população negra pós-abolição.

Lima Barreto foi incluído, na emergente Literatura afro-brasileira, pelos temas tratados em suas obras, ao relatar a vida dos negros em sua época e as mazelas sociais que os atingiam. Além disso, coloca-o como protagonista, revelando os acontecimentos do período, alertando a sociedade brasileira para essa realidade.

Os temas marginalizados pela literatura de sua época, como a pobreza, os negros, a mulher, que eram esquecidos e invisibilizados, o escritor carioca buscou

ressaltar, as mazelas que viviam essa parcela da população, sem direito à dignidade, vivendo de forma precária. Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro e por essa razão suas referências são os acontecimentos dessa cidade, onde os marginalizados foram jogados para os subúrbios, para que a imagem da cidade fosse recriada, a fim de passar uma ideia de organização e modernidade, mas que guardava na periferia toda a realidade do descaso social.

Lima Barreto tornou-se a voz de uma parcela da população que desprezada, não tinha suas necessidades respeitadas. A mulher pobre e negra era uma grande vítima dessa sociedade, além de historicamente desvalorizada, vivendo ainda mais excluída nos subúrbios, sem muitas perspectivas de melhoras, eram facilmente iludidas e enganadas. Lima Barreto traz à tona essas discussões para denunciar, e mostrar a realidade de sua época, desvendando o que estava encoberto, e trazendo para cena os marginalizados.

1.1 LIMA BARRETO, ESCRITOR AFRO-BRASILEIRO?

Os primeiros registros escritos sobre o Brasil surgiram através dos relatos de viajantes e de missionários europeus que falavam sobre a natureza e o homem nativo. Essas informações estavam mais para crônica histórica do que para literatura e, graças a esses relatos, que podemos compreender como se deu o início da história do povo brasileiro.

O amor à pátria e a natureza são características do Romantismo, que ficou conhecido como a nossa emancipação literária. Esse desejo de se desenvolver uma literatura nacional, que descrevesse o que era próprio do Brasil, veio valorizar o nativo, era uma busca identitária.

O Romantismo, assim como outros movimentos literários, buscava com sua forma de expressão, constituir uma literatura nacional, que muitas vezes foi escrita nos modelos importados da Europa. Tentando romper com essa forma europeia de escrever, temos Lima Barreto escrevendo temas relacionados ao Brasil, seu povo e seus problemas de forma clara e objetiva, abrindo os olhos dos leitores para as realidades existentes no país.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro, no dia 13 de maio de 1881, conhecido como Lima Barreto, jornalista e um dos mais importantes escritores libertários brasileiros, em função de fazer vários tipos de denúncias. As obras mais conhecidas do autor são: *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915) e *Clara dos Anjos* (1948).

Lima Barreto usava sua escrita pré-modernista para denunciar tudo que aos seus olhos feria a sociedade e principalmente os menos favorecidos. Os escritores que também fizeram parte desse período pré-modernista foram Euclides da Cunha, Graça Aranha, Alberto Torres, Oliveira Viana, Manoel Bonfim e Monteiro Lobato.

Assim, Lima Barreto se destaca por assumir uma nova linguagem para a literatura brasileira, opondo-se à escrita de Coelho Neto e Rui Barbosa. Isso ocorre porque Barreto se expressava de forma contundente e sarcástica, desviando assim, da norma acadêmica vigente no período. A sua escrita era transparente e se

aproximava da fala do povo. Esse foi um dos motivos pelo qual ele foi rejeitado, pois a todo tempo entrava em conflito com os modelos literários da sua época.

Coelho Neto e Lima Barreto eram opositores e o que contrastava os dois era a linguagem. Para Barreto, a língua tinha uma função de comunicação, não se preocupava com fatores gramaticais. Já na escrita de Coelho Neto existia uma formalidade com certa preocupação na gramática.

O estilo de pensar e de escrever contra o qual se insurgia o autor do *Triste Fim de Policarpo Quaresma* era o simbolizado por Coelho Neto ou Rui Barbosa: o da palavra a servir de anteparo entre o homem e as coisas e os fatos. Em Lima Barreto, ao contrário. As cenas de rua ou os encontros e desencontros domésticos com uma animação tão simples e discreta, que as frases jamais brilham por si mesma, isoladas e insólitas (como resulta a linguagem parnasiana), mas deixam transparecer naturalmente a paisagem, os objetos e as figuras humanas. (BOSI, 1983, p.359)

Nesse sentido a narrativa subjetiva de Lima Barreto demonstrava um desapego à gramática, caracterizando-se por ser uma linguagem simples e clara que transfigurava a realidade social. A maneira com que Barreto escrevia foi de encontro às concepções literárias do período, pois os representantes da literatura oficial defendiam o purismo gramatical.

É necessário frisar que é recente o reconhecimento da importância das obras de Lima Barreto na literatura brasileira, ele foi um escritor que permaneceu por muito tempo na vala do esquecimento, só foi reconhecido muito tempo depois da sua morte. Em 1951, houve a edição de parte do conjunto de sua produção literária pela editora M. Jackson, mas foi a editora Brasiliense, em 1956, que publicou a edição definitiva das obras do escritor com dezessete volumes. Um dos principais encarregados por essa publicação foi Francisco de Assis Barbosa, que se tornou biógrafo do escritor, valorizando assim, as suas obras.

Maria do Carmo Figueiredo (1995) acredita que esses altos e baixos na construção de suas obras foram recorrentes, além disso, a sua vida de alcoolismo, afetou sua produção. Nessa perspectiva, Figueiredo (1995) justifica o “inexplicável esquecimento” do escritor na historiografia da literatura brasileira, até pelo menos a década de 1980. Barreto tinha uma visão crítica, se opunha aos modelos da norma acadêmica de forma agressiva, sendo visto por seus opositores como um escritor

que não acrescentaria nada à literatura brasileira, em virtude da maneira como utilizava a linguagem.

No entanto, após décadas de esquecimento e falta de reconhecimento, já em fins da década de 1980, Lima Barreto passa a fazer parte do cânone da literatura Brasileira em função de vários estudos no âmbito da universidade passar a valorizar suas obras. Com o avanço dos direitos das minorias e do movimento negro, Lima passou a ser incluído como representante da denominada literatura negra, em virtude de sua escrita denunciar as atrocidades cometidas em relação aos negros, segmento menos favorecido de sua época. Como bom jornalista, sempre atento aos fatos, não deixou passar despercebido o que acontecia com os marginalizados, mostrando em seus trabalhos os problemas que eles enfrentavam.

A trajetória do negro na literatura brasileira é marcada por vários tipos de estereótipos. Domício Proença (2004), afirma que o negro foi colocado na literatura como objeto, a exemplo disso, é possível mencionar o escritor Gregório de Matos que nos versos do poema *Epigrama* cria uma imagem depreciativa do negro.

Quais são seus doces objetos?... Pretos.
Tem outros bens mais maciços?... Mestiços.
Quais destes lhe são mais gratos?... Mulatos.

Dou ao Demo os insensatos,
Dou ao Demo o povo asnal,
Que estima por cabedal,
Pretos, mestiços, mulatos. (GREGÓRIO DE MATOS)

Em outros momentos a figura do negro aparece como subalterno serviçal e também erotizado. Essa visão estereotipada permanece até os anos de 1960, quando surgem textos visando mostrar a realidade sociocultural e a importância dessa etnia para a formação cultural do Brasil.

A literatura Brasileira é marcada também por obras de escritores negros que não afirmavam as suas origens. Podemos citar como exemplo o escritor Mário de Andrade, um mulato que enrustiu as suas origens em seus escritos. Em sua obra *Macunaíma* (1928), em alguns momentos, o autor deixou explícita a ideia do que é ser negro em um país marcado por um racismo disfarçado.

Machado de Assis que apesar de ser reconhecido como um dos maiores escritores negros, não assume explicitamente sua etnia em sua produção literária. Proença (2004, p.172) também ressalta que “a literatura machadiana é indiferente à problemática do negro e dos descendentes de negro, como ele”.

Já Lima Barreto, em sua literatura, se preocupava em mostrar a posição do negro na sociedade brasileira, fazendo questão de reafirmar em suas obras que era proveniente de uma classe suburbana do Rio de Janeiro e não escondia a sua situação social, sendo um negro de origem humilde.

Diante dessa posição literária dos escritores que se reafirmam como negros ou descendentes, emergiram vários movimentos em defesa da causa do negro brasileiro; como o Movimento Unificado contra a discriminação Racial (MNUCAR), e o Movimento Negro Unificado (MNU). Esses movimentos iniciaram no ano de 1978. Assim, os escritores negros e descendentes fizeram da literatura negra um compromisso com a etnia:

Transparece um comprometimento ideológico deliberadamente assumido, uma preocupação de “[...] atizar na consciência de um povo usurpado/usurpador a brasa da dignidade humana/ história a ser fundamentalmente resgatada”. Como escreve Paulo Colina na apresentação da antologia Axé. Predomina uma posição de resistência e luta pela afirmação e pelo reconhecimento social. (FILHO, 2004, p. 179).

É necessário ressaltar que na época da escrita barretiana não existia o conceito de Literatura afro-brasileira, esse movimento surge já no final do século XX. Os articuladores desse conceito passam a incluir Lima Barreto justamente por ter uma escrita que evidencia a realidade do negro na sociedade brasileira.

A literatura negra ou afro-brasileira é uma variante da Brasileira, pois ainda está em construção no cenário da produção de literatura no Brasil. Segundo Eduardo de Assis (2005), essa literatura é necessariamente de afirmação de identidade. Essa literatura relata as lutas e conquistas de um povo que vivenciou a violência do regime escravocrata. Dessa maneira, a literatura Afro-brasileira é um retrato social, que conta a trajetória daqueles que ficaram e, ainda continuam à margem da sociedade, dando assim voz ao povo negro, que ao longo de sua trajetória, foi invisibilizado e explorado de inúmeras formas. As sociedades ocidentais têm sido marcadas pelo pensamento racista, que terminou por deliberar o poder de um ser humano escravizar outro, em virtude de se reconhecerem como superiores de alguma forma, em prol de interesses particulares, ao explorar a força de trabalho desses inferiorizados para promover o enriquecimento daqueles que possuíssem seu domínio.

Octávio Ianni (1988) considera Lima Barreto um dos fundadores da literatura negra, conhecida também como literatura afro-brasileira. A obra barretiana contribui para um novo olhar a respeito dos negros que viviam submetidos à opressão de uma sociedade pós- abolição, particular no período da passagem do século XIX para o XX.

Uma das obras mais representativas do escritor acerca do preconceito racial é o romance *Clara dos Anjos*, que narra a história de uma jovem mulata e pobre, que foi rejeitada pela mãe do seu amado, por causa da cor de sua pele e posição social. Essa obra foi considerada por Afrânio Coutinho (2001, p. 325) “a primeira tentativa de fixar a história da escravidão no Brasil, uma denúncia de Lima Barreto, capaz de mostrar os preconceitos de que ele próprio era vítima”.

Quando se falava em lutar contra todas as formas de opressão Lima Barreto era “seco, ácido” e não concordava com os modismos e a hipocrisia. Diante disso, pode-se ver claramente o quanto Lima Barreto mostrou em seus textos sua indignação com uma sociedade excludente, que não permitia a mistura entre pessoas de classes e etnias diferentes, estas misturas eram vistas como ofensa à família. O fator social é um alicerce para a construção dessa literatura, pois foi a partir de suas vivências que Lima Barreto buscou inspiração para escrever o cotidiano, mostrando os dois lados da sociedade daquela época:

Não é a literatura por ela mesma, mas pelo social. Assim, pode-se sair de uma análise sociológica periférica e sem fundamentos, não se limitando a uma referência à história sociologicamente orientada. Tudo faz parte de um “fermento orgânico”. (CANDIDO, 2006, p.17)

Lima Barreto teve uma trajetória de vida difícil, e além da pobreza sofria ainda com a discriminação racial por ser mulato, e identificado com sua classe, fazendo com que os negros figurassem como principais personagens de suas obras.

Candido (2006), afirma que a posição social de um artista é um aspecto da estrutura da sociedade, atribuindo um papel específico ao criador da arte, ou seja, a obra dependerá bastante do papel que o autor exerceu dentro dessa sociedade, a sua posição social e sua participação dentro dela.

Sendo assim, a literatura se torna um documento social. Lima Barreto viveu no período em que o Brasil passava por grandes transformações sociais e políticas,

ele presenciou momentos decisivos da revolução burguesa no país, que se inicia com a Abolição da escravidão (1888) e a Proclamação da República (1889). Com isso, suas obras configuraram como denúncia da política social e do preconceito, causa que ele nunca abandonou, sendo capaz de trazer para seus textos tudo aquilo que estava à margem da sociedade. É necessário frisar sua inquietude em visibilizar o subúrbio do Rio de Janeiro, foco de suas principais obras, descrevendo em minúcias o ambiente e o cotidiano do povo suburbano.

Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato. (BARRETO, 1998, p.78)

Lima Barreto é considerado um dos principais escritores do denominado Pré-modernismo. Alfredo Bosi (1983) classifica o Pré-Modernismo como uma fase de transição literária entre as escolas literárias anteriores ao Modernismo e a ruptura dos novos escritores com as mesmas. A literatura desse período tinha características urbanas, especialmente em relação à cidade do Rio de Janeiro e, atendia aos interesses da elite burguesa, que vivia sua *Belle Époque*, ou seja, uma febre de consumo das modas Europeias.

Sevcenko (1989) afirma que essa literatura tem características socioculturais, especialmente na produção de Lima Barreto, representante da história social e literária do início do século XX no Brasil. Desiludido com a evolução do regime republicano ele criticava todas essas questões fundamentais do período. Dessa maneira é clara a importância desse escritor para traçar a história de um país e ver o quanto a literatura e a sociedade estão interligadas.

Na busca pela identidade brasileira, Lima Barreto voltou-se, em suas obras, para a representação do povo simples, em particular de negros /mulatos e suburbanos. Dando ênfase à construção da história do negro que sempre foi estereotipado, seja nas narrativas históricas, seja nas literárias. É possível observar esta preferência no romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), no qual, o escritor deixa transparecer em seus personagens as tensões e os preconceitos vividos por aqueles que tinham menos poder.

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente.

Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro. (BARRETO, 1997, p. 45).

O romance, *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, caracteriza-se por uma crítica ferrenha à sociedade carioca marcada pela opressão e racismo em relação às classes mais pobres, pois era uma elite constituída basicamente de doutores e falsos doutores. A obra ficou conhecida como uma crítica à imprensa daquela época, da qual ele também fazia parte.

A visão crítica de Lima Barreto é uma característica marcante em todo o conjunto de sua produção literária. Diante dessas afirmações pode-se considerar que Barreto foi incluído rol de escritores da literatura Afro-brasileira, devido suas obras representarem a história de um povo, que poderia ter sido esquecida, sem a valorização merecida, mas que se tornou visível por meio da escrita dele e de outros autores.

Nesse sentido, a literatura também possui a missão de transmitir as tensões sociais e culturais. O escritor carioca sentia na pele muito do que relatava em seus textos, por ser mulato, de família humilde, como muitos de seus personagens, um negro falando da vida e dos sofrimentos de sua gente.

Apesar de todos os obstáculos enfrentados para a formação de uma literatura afro-brasileira, vem ocorrendo diversas mudanças nas últimas décadas, como a implantação das políticas afirmativas pelo governo federal, através de leis como a 10.639, sancionada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva em 9 de janeiro de 2003 em que era obrigatório o estudo da cultura afro brasileira nos estabelecimentos de ensino brasileiros.

A Lei 10.639 foi substituída pela Lei Nº 11.645 - de 10 março de 2008 sancionada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, essa lei obriga além da inclusão do ensino da cultura afro-brasileira, que se incluía também o estudo da cultura Indígena em todos os estabelecimentos de ensino no Brasil públicos ou privados. Decisão que valoriza e garante visibilidade à história dos povos que ajudaram a formar o Brasil, que depois de séculos de sofrimentos, agora vem sendo reconhecidos como sujeitos, e a literatura de Lima Barreto mostra-se fundamental para contar e valorizar a história do povo negro.

1.2. LIMA BARRETO: A VOZ LITERÁRIA DO SUBÚRBIO E DOS EXCLUÍDOS

Lima Barreto foi um dos escritores que se destacou no período pré-modernista, época de rupturas com padrões até então adotados, ao mesmo tempo em que se buscava por modelos novos. Nessa transição, a estética simbolista ainda sobrevivia, sem considerar questões sociais, valorizando em demasia o subjetivismo, o hermetismo, ou seja, a falta de clareza na elaboração dos poemas, pois o que importava não era o sentido, a musicalidade. Já o Modernismo, estética subsequente, buscou romper com essas ideias simbolistas, tornou-se necessário à contextualização e inclusão do cotidiano nas produções, a liberdade de expressão, o uso da linguagem coloquial, e a busca novas técnicas de escrita.

O escritor carioca, por sua vez, colocava-se como a voz das figuras menos favorecidas da população, denunciando o tratamento reservado ao povo do subúrbio do Rio de Janeiro, expondo temas pouco abordados em seu tempo.

Na preocupação em colocar a parcela pobre e marginalizada da sociedade em evidência, Lima Barreto mostra seus personagens em sua totalidade, tanto no social como no emocional, seu modo de vida, os locais que habitavam, detalhando a maior quantidade de dados possíveis para torná-los visíveis aos seus leitores:

Em Clara dos Anjos, o escritor se esmera por descrever minuciosamente o ambiente que caracteriza o subúrbio do Rio de Janeiro. Retrata as paisagens as casinhas, as ruelas, os fluxos de pessoas as emoções os comportamentos e as discussões.
(CALOTI, 2013, p.128)

A origem humilde de Lima Barreto, filho de uma professora primária e um tipógrafo, ambos mulatos, teve grande influência em sua escrita, nascido, em 1881, numa época de escravidão, quando já estava em vigência a lei do ventre livre (1871), sua trajetória se assemelha a de seus personagens, nos preconceitos e nas dificuldades enfrentadas.

Tais condições fizeram com que ele sentisse na pele o mesmo tipo de exclusão das pessoas de nível socioeconômico baixo, como os favelados e os negros, ou seja, o povo sem voz que vivia à margem da sociedade. A partir daí o escritor carioca começa a colocá-los em destaque em suas obras, dando-lhes vez e voz, mostrando-os para a sociedade de sua época.

No decorrer de sua vida, Barreto assistiu momentos de grandes mudanças, como a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. A partir desses acontecimentos, os escravizados foram libertos, mas sem que tivessem condições digna de sobrevivência, ficando à deriva a partir daquele momento. A abolição decretou a separação social, que já existia, mas antes os escravizados tinham função, lugar onde morar e a sociedade precisava de sua presença, pois a economia era levada adiante por seus braços nas lavouras, mas agora o que iriam fazer sem instrução alguma, sem ter onde morar, sem dinheiro, ou seja, sem condições mínimas de sobrevivência?

Como viver essa liberdade? Como se fossem descartáveis, os escravizados não tinham mais utilidade, foram sendo deixados de lado, e como na visão da sociedade enfeavam a cidade foram afastados dos grandes centros, para viver nos subúrbios, e foi assim também com os mais pobres. Independente de gênero, raça ou cor, todos que eram excluídos da sociedade foram jogados para a margem, os subúrbios.

Nas obras de Lima Barreto, seus personagens configuram as representações da realidade de sua época, podemos observar muito bem em seus livros, como em *Clara dos anjos* as mulheres pobres, negras ou mulatas, marginalizadas pela sociedade sendo vistas como objeto. Muitas eram iludidas e abusadas pelos rapazes de família rica, e esses crimes ficavam impunes, pela influência do dinheiro e do nome das famílias de seus algozes, que exerciam sua influência para conseguirem livrá-los da justiça.

Diante desse panorama, restava às mulheres pobres lamentar suas desgraças, e viver como melhor podiam, em suas casas afastadas, pois na cidade remodelada pelas reformas urbanas circulavam somente pessoas influentes, ricas, os pobres não eram bem vindos, a não ser que fosse para servirem as famílias ricas como empregadas: babás para seus filhos, cozinheiras, arrumadeiras, lavadeiras entre outros serviços.

Essa figura feminina sofria ainda mais com a exclusão, pois a mulher não tinha um papel ativo, não era sujeito de sua vida. Ao longo da história, a mulher sempre esteve em segundo plano, depois da figura masculina que era “o chefe”, quem conduzia os acontecimentos da vida das mulheres era o pai, “o patriarca” que via suas filhas como pesos a serem carregados, ou como moeda de troca, a mulher não tinha muitos direitos, mais em compensação deveres não lhes faltavam.

Enquanto filhas aprendiam as tarefas do lar, e como serem boas esposas para os futuros maridos que iriam ser donos de suas vidas, eram pouquíssimas as que estudavam, pois seus pais não viam necessidade delas serem instruídas, pois seu papel era ser boa mãe e dona de casa, e isso ocorria em relação às mulheres de nível social elevado, mas com uma diferença, pois seus pais conseguiam arranjar-lhes casamentos vantajosos economicamente.

As mulheres de famílias ricas dispunham de certos privilégios, eram protegidas, e sua honra defendida, pois uma mulher sem honra não tinha o direito ao casamento e nem a construir uma família. As moças mais pobres eram desprotegidas e mais suscetíveis a ser alvo dos homens que queriam satisfazer suas vontades sexuais, sem a intenção de matrimônio, pois na maioria das vezes não tinham quem as defendesse, e se deixavam levar pela sedução dos rapazes de condição superior. Essa situação ocorria, em virtude da ilusão que as moças pobres nutriam de melhorar suas condições de vida e ascender socialmente.

Algumas dessas jovens desejavam ser mulheres respeitadas e aceitas perante a sociedade, mas acabavam por se tornar presas fáceis nas mãos dos rapazes oportunistas, que depois abandonavam suas vítimas, sem se importar com o que aconteceria a elas, pois nada haveria de suceder a eles, devido a influência que tinham ou pela família que acobertava seus maus feitos, e assim ficavam sem punição e livres para conquistar outra vítima. Dessa maneira muitas jovens foram exploradas e abandonadas e Lima Barreto traz essa realidade em sua obra, como exemplifica o caso de Cassi Jones em *Clara dos Anjos*:

Quando a policia ou os responsáveis pelas vitimas, pais, irmãos, tutores, punham-se em campo para processá-lo convenientemente, ele corria à mãe, Dona Salustiana, chorando e jurando a sua inocência, asseverando que a tal fulana – qualquer das vitimas – já estava perdida, por esse ou por aquele; que fora uma cilada que lhe armaram, para encobrir um mal feito por outrem, e por o saberem de boa família, etc. (BARRETO, 1998, p.24)

As mulheres mais pobres de famílias humildes não eram valorizadas. Lima Barreto mostrou-se indignado com a sociedade hipócrita e excludente a que pertencia, pois vivenciava a seu modo, os mesmos preconceitos e descaso dessa sociedade.

O escritor usou sua literatura para chamar a atenção do povo para as injustiças cometidas contra os menos favorecidos. Lima Barreto tinha em suas veias

o gosto pelo jornalismo, daí escrever denunciando as mazelas, a fim de esclarecer mulheres, homens e crianças relegadas à margem, mostrando-os ao mundo e deixando-os visíveis na literatura brasileira, que antes não reconhecia tais personagens, por serem retratados a partir de estereótipos que reafirmavam os preconceitos da sociedade brasileira da época.

Esse descaso com as mulheres demonstrava o espelho de uma sociedade corrompida pelos valores racistas, de segregação, de superioridade de alguns indivíduos sobre outros, por motivos diversos e descabidos, que foram sendo transmitidos de geração em geração, trazendo seus efeitos negativos até as gerações contemporâneas. Tais circunstâncias começaram a ser denunciadas por escritores como Lima Barreto, incomodado com a hipocrisia, não agindo de forma indiferente ao contexto social de sua época, mas antes expondo as injustiças vividas por seus personagens, trazendo assim para a ficção diversas representações do período histórico que vivia.

É possível que a literatura de Lima Barreto tenha influenciado de maneira positiva essa população, alertando-a para os abusos a que eram submetidas, essa denúncia não ocorria na maior parte dos textos do período. O escritor, por sua vez, passou a tratar em seus escritos o Brasil real com seus problemas, trazendo à tona personagens que representavam as mazelas do país.

1.3 À MARGEM SOCIAL: A MULHER SUBURBANA NA OBRA DE LIMA

Os subúrbios foram utilizados para tirar do centro da cidade do Rio de Janeiro os pobres, negros e mulatos, ou seja, todas as pessoas que perambulavam nas ruas principais da cidade depois das reformas urbanas com o objetivo de modernizar o cenário da capital federal. A ideia da municipalidade era escondê-los, porque na visão dessa sociedade hipócrita, essas pessoas enfeavam o centro, e desvelavam as mazelas de uma sociedade excludente.

A Abolição da Escravatura de 1888 causou uma grande crise no setor cafeeiro, gerando um êxodo de pessoas do campo para a cidade. Já a Lei Áurea, ao extinguir a escravidão, sem preparar os escravizados para isso e muito menos indenizá-los, criou uma enorme massa de desempregados, analfabetos e sem qualquer qualificação profissional, e essas pessoas foram se amontoando no centro do Rio de Janeiro.

A cidade não dispunha de moradias suficientes para tantas pessoas, que começaram a improvisar casas. Os cortiços se espalhavam, o Rio de Janeiro era um centro administrativo e portuário, e agora se via infestado de doenças, devido às precárias condições higiênicas das moradias dos mais pobres.

Essas doenças foram um dos motivos que levaram o prefeito Francisco Pereira Passos, em 1903, a realizar uma grande reforma na cidade, com pretensões de tornar o Rio de Janeiro uma capital moderna e isto com o apoio do presidente Rodrigues Alves. Conforme assinala Sevcenko (1989), as modificações foram inspiradas nos moldes da reforma feita em Paris pelo Barão Haussmann que valorizou o centro e expulsou para a periferia os pobres. No Rio de Janeiro, essa reforma ficou conhecida como “bota-abaixo”, pois demolia os cortiços da cidade. Essas modificações na arquitetura do meio urbano foram realizadas para privilegiar as pessoas ricas da cidade, enquanto as pessoas mais pobres foram despejadas dos cortiços para o subúrbio, longe do centro urbano, espaço que se tornou embrião das atuais favelas:

Nela [a reforma] são demolidos os imensos casarões coloniais e imperiais do centro da cidade, transformados que estavam em pardieiros em que se abarrotava grande parte da população pobre, a fim de que as ruelas acanhadas se transformassem em amplas avenidas, praças e jardins, decorados com palácios de mármore e cristal e pontilhados de estátuas importados da Europa. (SEVCENKO 1989, p.30).

A mulher moradora desse subúrbio, representada na literatura escrita por Lima Barreto, revela suas particularidades, sem maquiar as situações vivenciadas, expondo abertamente as mazelas existentes em suas vidas, sentindo na pele os preconceitos de gênero, de condição social, pela cor de sua pele e eram impedidas de ascender socialmente, reforçando o pensamento racista e de segregação.

É possível compreender melhor no romance *Clara dos Anjos* a concepção que o autor tinha das mulheres suburbanas, sua crítica estava ligada a submissão feminina e também ao preconceito racial. A personagem que inspira o título do romance, Clara dos Anjos, era uma menina que não estudava e não trabalhava, pois para garantir um bom casamento a moça deveria estar bem guardada em casa. No entanto, a mulher solteira era sinônimo de mais uma despesa para a família, sobretudo se fosse negra.

Eliane Vasconcellos (1999) afirma que quando uma mulher de cor não se casava, as suas possibilidades de viver de maneira respeitável eram mínimas e não tendo como se sustentar, o único bem que possuíam era o corpo. No pensamento daquela época, as negras estavam destinadas ao caminho da prostituição. Dessa forma, a mulher negra, pobre e suburbana era o exemplo cabal dos estereótipos correntes no período, que Lima Barreto representou ao descrever a condição social dessas mulheres moradoras das periferias.

Diante do exposto podemos afirmar que essas mulheres eram marginalizadas pelas suas condições, ou seja, as personagens de Lima Barreto eram na maioria das vezes pobres e suburbanas, vistas como objetos sexuais e desprezadas pela sociedade. Lima Barreto não se desprende das imposições que a sociedade impunha as mulheres, ele as retrata de maneira fiel ao seu contexto, relatando as coisas que realmente sucediam com essas mulheres, sem maquiar a realidade.

Nesse contexto, a honra era a coisa mais valorosa que essas mulheres possuíam, por isso precisavam ser protegidas, tanto as ricas como as pobres, mas se uma moça rica perdesse a honra, a família buscava uma solução rápida e, na maioria das vezes, conseguia a reparação até por terem posses e serem influentes.

As famílias das moças pobres muitas vezes lutavam para reparar a honra perdida, mas os jovens malfeitores, em sua grande parte tinham famílias poderosas, importantes perante a sociedade que buscavam maneiras de encobrir os crimes de seus filhos para evitar escândalos que viessem manchar a reputação de seus

sobrenomes. Na maioria das vezes, suas vítimas eram bem escolhidas, geralmente moças pobres do subúrbio, que eram facilmente iludidas por ambicionarem a ascensão social, uma vida mais confortável, reconhecimento com mulher de respeito e bem casada, mas no final só encontravam a dor do abandono.

As mulheres ricas tinham que ter sua honra preservada, pois eram vistas como as mães de família. Por essa razão os homens ricos da sociedade viam nas moças suburbanas, objetos para seu uso, como um jogo de sedução, conquista e abandono. Com as moças pobres se divertiam, mas as moças de boas famílias ricas eram para o casamento, pois ainda tinham o benefício de ganhar o dote da candidata, que não era pouca coisa. No final das contas esses casamentos eram negócios bem lucrativos.

É possível constatar que Clara dos Anjos representa a condição social da mulher negra moradora do subúrbio. Nesse sentido, a obra limiana expressa a denúncia da opressão que as mulheres sofriam perante aquela sociedade.

Vasconcellos (1999) assinala que existe uma crítica no romance *Clara dos Anjos*, pois as mulheres de classes mais baixas se sujeitavam ao papel de escravas, ou seja, não buscavam uma independência e viviam apenas para os trabalhos domésticos. Isso ocorre em *Clara dos Anjos*, pois quase todas as personagens femininas, moradoras do subúrbio, não procuravam tarefas que fossem remuneradas. Além da personagem principal Clara, podemos elencar outras personagens que apresentam no decorrer do romance os seus sonhos perdidos.

Um dos exemplos é Ernestina, mulher de Ataliba, um dos amigos de Cassi Jones, relata-se que a moça antes de se casar vivia muito bem, sempre bem vestida e com belos sapatos. A narrativa de Lima Barreto deixa claro que o matrimônio a aprisionou e ressalta que o marido levava a mesma vida de solteiro, enquanto a esposa se dedicava a casa e aos filhos. As mulheres suburbanas no romance são colocadas como passivas e submissas às regras impostas pela sociedade.

Lima Barreto mostrou-se a favor da profissionalização da mulher, para que elas pudessem ter um papel importante na sociedade. O autor, em seus romances, demonstra uma posição intolerante em relação à situação da mulher suburbana, que na maioria das vezes não tinha coragem de ir contra um contexto no qual a maioria era manipulada pelas tradições familiares e sociais.

2. CLARA DOS ANJOS: REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA E SUBURBANA

Lima Barreto como escritor pré-modernista, traz em seu texto a denúncia de uma realidade esquecida pela sociedade contemporânea. No romance *Clara dos Anjos* encontra-se a representação da mulher negra e suburbana, onde se desenrola a trajetória da personagem Clara, uma mulata, pobre do subúrbio do Rio de Janeiro. Até concluir o romance, Barreto experimentou algumas possibilidades para sua personagem Clara, aperfeiçoando sua história para poder chegar ao romance.

Clara dos Anjos foi escrita em uma primeira versão inacabada em 1904, existindo também uma segunda versão, publicada no livro *Histórias e Sonhos* (1920), e finalmente o romance que só foi publicado postumamente. Nesse capítulo iremos desbravar essas três versões de Clara, que Lima Barreto, percorreu para que sua criação fosse finalizada.

2.1. LIMA BARRETO E AS CONSTRUÇÕES FICCIONAIS DE *CLARA DOS ANJOS*

No decorrer de sua vida Lima Barreto escrevia esboços de suas obras e, relatava situações que ocorriam no seu dia a dia. Esse conjunto de textos foi guardado por sua irmã Evangelina e, vinte anos depois de sua morte, por interesse de Francisco de Assis Barbosa (1988), foi recuperado. Este material que se encontrava bagunçado junto com as diversas anotações do autor foi organizado por Assis Barbosa e a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro comprou o espólio em 1949, dentre os textos recuperados, encontra-se o *Diário Íntimo* de Lima Barreto.

No diário encontraram-se diversos esboços de algumas obras que nunca viriam a serem terminadas, anotações literárias sobre seus romances, inclusive alguns capítulos da primeira versão inacabada de *Clara dos Anjos*.

Na primeira versão de *Clara dos Anjos*, de 1904, subdividida em quatro capítulos que não foram concluídos, pode-se notar que a partir do terceiro capítulo

diversas frases não foram terminadas. Essa primeira versão traz uma descrição bem detalhada do Rio de Janeiro, destacando a arquitetura de suas construções, além da natureza exuberante da cidade.

O escritor carioca chega a declarar que a cidade do Rio de Janeiro foi projetada por quilombolas e por corsários, mostrando também a importância dos meios de transportes, relatando o surgimento do bonde e afirma que o veículo fez uma condensação urbana, pois por onde o veículo passava criava-se um botequim e até mesmo casebres que eram habitados por operários.

Em algumas linhas desse esboço ele faz menção à influência do catolicismo, isso se evidencia quando o amigo do pai de Clara não aceita de imediato batizá-la, pois era contra seus princípios religiosos. Outro acontecimento possível de ser ressaltado é a discussão sobre a abolição, que o autor expõe para o conhecimento dos leitores, fatores de extrema importância na história brasileira, detalhes que na segunda versão da obra, no caso, o conto, não fica tão evidente assim.

A trama da obra se desenvolve num cenário que antecedeu a abolição da escravidão (1888), desenvolvendo em seu enredo justamente essa temática, trazendo discussões dos personagens a respeito da abolição, e expondo a opinião da sociedade sobre a extinção do trabalho escravo, e nesse cenário se desenrola uma história secundária, a de Clara dos Anjos e sua família.

Nessa primeira versão, que terminou ficando incompleta, os nomes de personagens e as histórias que transcorrem, entre outros detalhes, diferem muito das outras versões de *Clara dos Anjos*, a exemplo do conto e da última versão do romance.

As personagens da primeira versão de *Clara dos Anjos* são D. Florência mãe de Clara, uma senhora que como tantas outras contemporâneas a ela, viviam para o marido e a filha. O pai Manoel Antônio dos Anjos, contínuo da Secretaria da Agricultura, sempre saía às oito da manhã para ir de bonde trabalhar, esse ritual era modificado somente em dias de descanso ou de gala.

Na casa de Manoel, encontrava-se outra moradora além dos três, era a babá, uma velha preta, escrava liberta. Podem ser observadas algumas modificações logo no início dessa versão, como os nomes e a profissão do pai da menina Clara, pois na versão final do romance o pai de Clara era um carteiro e seu nome era Joaquim dos Anjos.

Durante a segunda infância de Clara seu pai se esforçou em oferecer-lhe uma boa educação, e para tanto buscou outras atividades que aumentassem seu ordenado. Mas sentindo-se cansado, tirou a filha dos estudos faltando pouco para concluí-los. Clara também aprendeu um pouco de piano, e tocava razoavelmente. Ao contrário de seus pais, a jovem tinha uma vida um pouco mais agitada, havia sempre uma diversão, geralmente na casa de seu padrinho o senhor Carlos Alves da Silva, um oficial da Secretaria do Império, nessas festas, seu dom de pianista era sempre requisitado. O Padrinho de Clara, Sr. Carlos, nessa versão casa-se e sua esposa D. Adélia é escolhida como a madrinha da menina, o casal tem uma filha chamada Olímpia.

Na primeira versão, Sr. Manoel, pai de Clara, fica muito doente e acaba falecendo, deixando viúva D. Florência, em uma situação na qual deveria tomar atitudes nunca imaginadas antes. Clara e D. Florência, no esboço do romance, desempenham atitudes diferentes da versão final, ambas demonstram disposição em buscar soluções para os problemas que estavam sujeitas. Com o falecimento de Sr. Manoel, D. Florência toma a iniciativa de procurar um trabalho para o sustento da família, e ainda consegue uma ocupação para sua filha, que tem a autonomia de ir e vir sozinha do trabalho. Mas, mesmo com essa atitude de lutar pela sobrevivência ao lado da menina, não deixou de pensar na proteção da honra da mulata, buscando uma profissão que lhe fosse mais segura, pois na sua concepção de D. Florência, um *ateliê* lhe pareceu melhor que uma casa de família, pois no entendimento da mãe de Clara o perigo seria maior.

A pesar de Engrácia não ter ficado viúva, na versão do romance *Clara dos Anjos*, era intenção do autor fazê-la passar pelas privações e pelos sofrimentos decorrentes de uma viuvez. Foi o que aconteceu com ela na primeira versão do romance, publicada em *Diário Íntimo*. (VASCONCELLOS, 1999, p. 156)

As viúvas de Lima Barreto foram poucas, a mãe de Clara no esboço do romance foi uma dessas, ao se deparar com tal situação procurou o padrinho da menina. Uma mulher dessa época, e nessa condição procurava a proteção masculina, continuando dependente, se sujeitando ao sexo oposto por necessidade financeira. E não conseguindo ajuda, vendo o dinheiro estava acabando, precisavam trabalhar.

Clara e D. Florência, Mãe e filha enfrentaram as adversidades da vida na versão incompleta do romance, o que não acontece com Clara e D. Engrácia na última versão do romance, pois Barreto decide manter o pai vivo e a mãe se torna uma doméstica que não se preocupava em exercer trabalhos fora do lar.

Dessa forma, Lima Barreto ao reescrever *Clara dos Anjos* na terceira versão, desconstrói essa personagem cheia de atitudes e liberdades. Na versão final do romance, a mulata assume o papel de uma moça sonhadora, alienada do mundo a sua volta, não trabalha, tinha os olhos da sua mãe sempre a vigiá-la, não tinha espaço para desenvolver nenhuma opinião a respeito da sua condição ou sobre as pessoas que estavam a sua volta.

No esboço, Clara era uma personagem que conhecia seu bairro, não ficava enclausurada em casa, saía com algumas amigas a passeios, essa menina não tinha a ingenuidade demonstrada na terceira versão da obra. Com o passar do tempo ela conhece um adolescente que assim como ela, estava com dezesseis anos, o rapaz não é identificado pelo nome, como se o escritor estivesse transferindo a ele a identidade de todos os homens de sua época que praticavam tais atos.

Quando Clara desembarcava do bonde, costumava encontrar a babá ou sua mãe que a vinham esperar; nas noites de verão, porém, as duas velhas se poupavam desse trabalho. Na tarde de segunda-feira, nenhuma das duas viera, e Clara, de volta do atelier, andando vagarosamente, muito concentrada nos seus pensamentos, foi surpreendida, logo ao dar os primeiros passos, com o encontro do adolescente que a esperava. (BARRETO, 1904, p.283)

O jovem em seus pensamentos secretos arquitetava suas ações, seduziria a moça e depois de conquistá-la, em seguida a abandonaria. Ele dizendo-se de família rica, alertava que seu pai iria apenas lhe dar uma bronca, entendendo suas atitudes como coisa de adolescente e no final tudo seria esquecido. Assim agiu e, Clara mesmo percebendo onde a circunstância poderia levá-la, deixou-se guiar pela paixão que sentia. Essa não era uma menina alienada quanto a sua condição, mas mesmo assim tornou-se vítima, tentando acreditar que sua trajetória poderia ser diferente, almejando um casamento. Ressalte-se que o triste fim de Clara é mantido nas três versões que Lima Barreto desenvolveu.

Diante dessa circunstância, Lima Barreto enriquece sua obra com fatos reais, aliando também alguns fatos da ficção, considerando que o escritor ainda escrevia

como no período do Realismo. Essa escola foi importante para a literatura brasileira, surgiu na segunda metade do século XIX. As obras que marcaram esse período foram *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) do autor Machado de Assis e *O Mulato* (1909) de Aluísio de Azevedo. O realismo é a representação fiel da realidade, com uma narrativa rica em detalhes, faz uma análise do comportamento do homem.

Nesse sentido, o romance *Clara dos Anjos* contém um viés realista, pois Lima Barreto constrói seus personagens sendo fiel aos problemas da sociedade da época. É necessário ressaltar que ele não foi do movimento Realista e sim precursor do Modernismo.

O pressuposto realista pode ser encontrado também no preconceito racial, na questão da mulher submissa ao homem perante o casamento. Tudo isso são fatos reais que existem até os dias de hoje e que continuam servindo de matéria-prima para a literatura.

É de suma importância observar que em todas as versões a protagonista Clara dos Anjos é vítima dos preconceitos existentes, sendo uma mulher negra, pobre e suburbana. Antes de desenvolver o romance final de *Clara dos Anjos*, Lima Barreto escreveu um conto que é um gênero literário de escrita breve. E intitulou o texto também de *Clara dos Anjos*, publicando essa versão no livro de contos *Histórias e sonhos*.

O livro foi lançado em 1920, o escritor relatou que a obra era uma coletânea de contos e fantasias de várias épocas da sua própria vida. Esses contos foram escritos em 1916 e, no prefácio ele explica o motivo de ter publicado tal obra, seria uma forma dele responder a uma carta recebida de uma mulher.

Percebe-se que Lima Barreto utilizava várias formas de inspiração e estava sempre buscando uma nova maneira de escrever, almejando uma literatura militante. Sobre o conto podemos afirmar que é um texto com um vocabulário bastante simples e comparando ao esboço da primeira versão ficam perceptíveis as diferenças dos conflitos no decorrer da narração.

O conto é apresentado em folhetim, ou seja, nos jornais entre 1923 a 1924. Nele Lima Barreto prioriza mais as questões da família e da sociedade do Rio de Janeiro. A personagem Clara apresenta modificações em relação a algumas atitudes que se encontrava no esboço da versão anterior, o pai de Clara não morre, e nem a menina nem a mãe tem a necessidade de trabalhar fora para conseguir o sustento.

Os personagens nesse conto foram reduzidos. A presença do padrinho e da velha preta foi retirada. O autor identifica o nome do modinheiro que seduz a filha de Joaquim dos Anjos, como Júlio Costa. Este passa a frequentar a casa da família, quando é convidado para o aniversário do pai de Clara.

No primeiro esboço de *Clara dos Anjos*, Lima Barreto mostra que a protagonista gozava de certas liberdades como sair sozinha para o trabalho, essas atitudes também estão presentes no conto, pois o pai a deixava ir ao cinema do Méier e ao Engenho de Dentro com as amigas, é claro que com um pouco mais de controle, pois na primeira versão é o falecimento do pai que traz essa maior autonomia para a menina, que não tinha outra saída para sobreviver ao lado de sua mãe, a não ser trabalhando. Já no conto o pai está presente.

[...] Clara não ia à venda; mas o pai, em alguns domingos, permitia que fosse com as amigas ao cinema do Méier ou Engenho de Dentro, enquanto ele e alguns amigos ficavam em casa tocando violão, cantando modinhas e bebericando parati. (BARRETO, 1920, p.83.)

No conto, a mulata Clara era uma menina bem instruída, diferente do seu amado que mal sabia escrever, mas essa condição não fez com que ela o desprezasse, ao contrário, existia uma obsessão dela pelo casamento. Tanto no esboço como no conto, Barreto demonstra as diferenças familiares. A família do rapaz tinha melhores condições financeiras do que a de Clara, e por essa razão Júlio se sentia protegido para fazer o que pretendia.

O pai de Júlio Costa, o capitão Bandeira, tinha um ar solene, diferente da mãe, dona Inês que não tinha bons hábitos, mas tinha pretensão de grandeza. Ambos não concordariam que seu filho trouxesse a sua casa como namorada uma menina de cor, opinião também compartilhada por suas irmãs, que almejavam casamentos com doutores.

Júlio morava na estação próxima e a situação de sua família era bem superior à sua namorada. O seu pai tinha um emprego regular na prefeitura e era, em tudo, diferente do filho. Sisudo, grave, sério, ia até a imponência grotesca do bom funcionário; e não seria capaz de admitir que a namorada do filho dançasse na sua sala. (BARRETO, 1920, p.86)

Júlio Costa começa a galantear Clara, entregando uma carta, na qual a mulata ao ler, estremece, ficando sem saber como proceder. Diante da revelação

teve receio por seus pais, mas respondeu a carta, pois achava que precisava se casar. O fato dela ainda não ter encontrado um marido fazia a jovem mulata se sentir como um cão sem dono.

No conto a mãe de Clara passa a se chamar D. Engrácia, que desconfiada da situação, tomou a iniciativa de perguntar a filha se ela estaria namorando o violeiro, pois as visitas de Júlio eram constantes. Depois disso, Clara respondeu a carta contando ao seu amado o que havia ocorrido. Certo dia, Clara deixou a janela do quarto aberta a pedido de Júlio, e passaram a se encontrar frequentemente. Quando Clara percebeu que estava esperando um filho, o cantador de modinhas fugiu deixando a jovem mulata desonrada.

No conto, Clara toma a iniciativa de procurar a mãe do seu algoz ao perceber-se grávida. A menina toma coragem e vai falar com dona Inês, solicitando que o filho dela reparasse o mal que lhe tinha feito, mas a mulata sai da casa ofendida. É perceptível que tanto na versão final do romance, quanto no conto, Clara só percebe sua condição social no final da narrativa.

A versão final do romance só foi concluída em 1922, um pouco antes da morte do escritor, sendo dividida em onze capítulos. Nos primeiros ocorre a descrição do subúrbio do Rio de Janeiro, com características marcadamente realistas, assim como todas as versões, “Era uma rua sossegada e toda ela, ou quase toda, edificada ao gosto antigo do subúrbio, ao gosto do *Chalet*. Estava povoada e edificada inteiramente, de um lado e de outro.” (BARRETO 1998, p. 15)

No romance, Barreto descreve a casa onde Clara morava. Além de descrever detalhadamente esse subúrbio ele traz como foco principal a fragilidade da personagem, a maneira como ela foi criada fizera com que crescesse sem saber os problemas sociais que lhe cercavam. Lima Barreto não relata somente os preconceitos raciais, mas antes elenca inúmeras críticas de cunho social, político, econômico e religioso.

A terceira e última versão é o romance que segue os moldes da construção ficcional do conto, mas com a criação de outros personagens primários e secundários e com uma narração mais extensa que é a característica da forma literária do romance.

É preciso ressaltar que o nome do modinheiro no conto era Júlio Costa e no romance ele passa a se chamar Cassi Jones. Essa foi uma maneira que o escritor encontrou para criticar o estrangeirismo, pois existia na elite brasileira um desejo de

ser estrangeiro. Valorizavam-se tudo que viesse de fora do país, de preferência a Europa, e podemos exemplificar isso com a remodelação do centro da cidade do Rio de Janeiro, que seguiu os moldes de Paris. E Lima Barreto buscando valorizar o que era nacional, faz essa crítica através de seu romance.

O escritor carioca acreditava na concepção da literatura como uma ferramenta para unir as pessoas, as classes e as nações, devendo falar do país, da vida das pessoas mais humildes, população para quem ele destinava sua produção literária. Na busca da construção de uma identidade própria, os escritores brasileiros foram influenciados por modelos estrangeiros, desde a colônia com o romantismo, no qual se baseavam nos moldes cavaleirescos da Idade Média para criar uma literatura brasileira, elevando assim o índio a herói nacional, mas com um perfil europeu.

Durante a República Velha, houve uma grande valorização da cultura europeia no Brasil, tudo chegava de além-mar parecia ser melhor aos olhos do povo brasileiro. A influência do estrangeirismo não se concretizou apenas no estilo literário, mas podemos vislumbrar essa influência na reconstrução da cidade do Rio de Janeiro, essas reformas ficaram conhecidas como o símbolo da *Belle Époque* no Brasil. Segundo Sevcenko (1989, p. 33) “O resultado mais concreto desse processo de aburguesamento intensivo da paisagem carioca foi a criação de um espaço público central na cidade, completamente remodelado, embelezado, ajardinado e europeizado [...]”

Dessa forma, Lima Barreto em sua escrita, tentava mostrar a verdadeira face da cultura popular brasileira, se opondo aos escritores que queriam transmitir a imagem do Brasil como uma nação predominantemente branca, influenciada pelos modelos europeus. Assim, fica evidente a crítica feita pelo escritor quando muda o nome do malfeitor de Clara dos Anjos. Sevcenko ressalta ainda que essa fuga para a cultura europeia funcionava como uma tábua de salvação, na qual os intelectuais se apegaram para rejeitar o passado de uma sociedade atrasada, sem progresso:

Cassi Jones de Azevedo era filho legítimo de Manuel borges de Azevedo e Salustiana Baeta de Azevedo. O Jones é que ninguém sabia onde ele fora buscar, mas usava-o desde os vinte e um anos, talvez, conforme explicavam alguns, por achar bonito o apelido inglês. O certo, porém, não era isso. A mãe, na suas crises de vaidade, dizia-se descendente de um fantástico Lorde Jones, que fora cônsul da Inglaterra, em Santa Catarina; e o filho julgou de bom gosto britanizar a firma com o nome do seu problemático e fidalgo avô. (BARRETO, 1998, p.23)

Tais escolhas e alterações no texto evidenciam uma relação intratextual entre as narrativas, pois o autor elaborou outros textos com base no que ele já tinha escrito.

Partindo do ponto em que o conto e o romance são duas formas literárias diferentes, Lima Barreto estabelece uma relação entre as duas histórias, pois ocorre uma mudança nos nomes das personagens, mas a crítica é a mesma, mostrando-se evidente em todas as versões:

Para chegarmos às reais diferenças entre as três obras de Lima Barreto que compõem nosso corpus, julgamos pertinente observar sua construção, pois tratam do mesmo tema. Assim, a distinção entre conto e romance pela abordagem temática seria insuficiente, além de errônea, levando-nos a considerar outros aspectos como narrador, tempo, espaço e personagens, uma vez que os três últimos contribuem para a construção de uma história ou um enredo, a ser narrado pelo primeiro. (SILVA, 2010, p.21)

O conto pode ser encontrado no romance, mas com outras características. Pode-se afirmar que o autor estabeleceu entre o romance e o conto uma relação intratextual. Nesse sentido, Lima Barreto expandiu um texto já escrito por ele para construir obras diferentes.

É de suma importância frisar que todas as versões mostram que Clara era uma moça pobre moradora do subúrbio do Rio de Janeiro, tendo sido enganada e abandonada por um rapaz de cor branca, e este, por ter um nível de vida melhor afirma que tal envolvimento com a mulata seria motivo de vergonha:

Agora é que tinha a noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos (BARRETO, 1998, p. 132).

Percebe-se que a intenção do autor ao criar essa personagem era denunciar as mazelas de um povo vitimado por inúmeros preconceitos raciais bem explícitos na sociedade da época. Constata-se que no romance *Clara dos Anjos*, cujo tempo transcorre logo após a abolição, as mulheres negras estavam mais propícias a essas situações, pois apesar de não haver mais escravizados, os preconceitos tanto de classe como de cor ainda impregnavam aquela sociedade.

2.2. AS QUIMERAS ROMÂNTICAS DE CLARA DOS ANJOS

Cabe indagar porque quimeras românticas? A trajetória de Clara dos Anjos ao longo do romance denuncia que menina embarcou na ilusão de ter um caso amoroso, ou seja, ela queria encontrar um amor que a tirasse daquela vida doméstica, por isso deixou-se levar pelas fantasias e por certo romantismo exacerbado, levando-a a não acreditar nos rumores negativos sobre seu amado Cassi Jones. Nesse sentido, a definição de quimera está associada à imaginação, ao sonho e à utopia. Isso significa que a protagonista vivia de suas quimeras românticas, ou seja, na valorização da subjetividade e na idealização de realizar suas fantasias amorosas.

É possível observar que os pressupostos do movimento romântico estão presentes na personagem Clara dos Anjos. O romantismo surgiu na Europa no século XVII, voltando-se para o subjetivismo e o lirismo. Os autores desse movimento literário trouxeram para suas obras tragédias pessoais de amor, sentimento de liberdade e amores impossíveis.

Antônio Candido (1975) afirma que a característica do romantismo é justamente a presença da insatisfação do mundo contemporâneo e o inconformismo social, características bastante evidentes no romance *Clara dos Anjos*. A mulata achava que o fato dela ser uma moça pobre moradora do subúrbio não era motivo para que Cassi deixasse de se casar com ela.

Marramaque, padrinho da mulata no romance, tentou avisá-la do perigo que a mesma corria, mas todos os avisos só fizeram com que aumentasse o seu amor imaginário pelo violeiro. As modinhas que eram músicas da época e por ter versos melancólicos que falavam de amor também incendiavam suas fantasias. Por conta da sua grande fascinação e inocência acreditava que pudesse viver aquele amor superando todos os obstáculos.

Clara conheceu Cassi quando ele cantava modinha em sua casa: “Mostraram-me um dia na roça dançando mestiça formosa de olhar azougado... sorria a mulata por quem o feitor, diziam que andavam perdido de amor” (BARRETO, 1998 p. 48). Estes versos cantados por Cassi Jones, segundo o entendimento da jovem, demonstravam a expressão de um homem apaixonado, que

ao cantar revirava os olhos, impressionando assim as damas. Quando Clara absorvia o desempenho musical do rapaz, mudava a feição e ficava em êxtase de tanta felicidade.

Dessa forma, Clara dos Anjos foi seduzida pelo imaginário que ela mesma construiu sobre o amor. A mesma achava que esse amor era a garantia da sua felicidade. Existe também na obra a presença de elementos sentimentais que levaram a personagem a se refugiar em sua imaginação, todos esses elementos fazem parte do romantismo, pois segundo Candido (1975, p.205), “Ao ideal de pureza do amor, se junta à noção dos direitos do coração, o que frequentemente vai de encontro aos valores sociais e morais”.

De acordo com Antônio Candido (1975) a imagem da mulher divide-se no romantismo, podendo ser uma mulher-pureza ou uma mulher-sedução. Clara dos Anjos se encaixa na imagem da mulher-pureza no romance, na qual prevalece o amor romântico. Outro fator que faz parte do pressuposto romântico e pode ser observado na obra, é o amor não correspondido. Clara encontrava-se embevecida por Cassi Jones a ponto de não perceber que amor não era recíproco.

As personagens femininas que fizeram parte do romantismo eram mulheres vistas como princesas, heroínas, puras, castas, andavam sempre belas e radiantes. Podemos constatar essa afirmação nos romances, *Senhora*, *Iracema*, *O Guarani*, dentre outros, de um dos maiores escritores do movimento romântico, José Martiniano de Alencar. No entanto, ao longo da leitura do romance *Clara dos Anjos*, observa-se que, apesar da protagonista demonstrar algumas características do perfil da mulher romântica, ocorre uma contradição, pois Clara foge aos padrões estéticos românticos. Ela não era uma heroína, nem branca e não foi caracterizada por Lima Barreto como bela. Tornou-se alvo de Cassi justamente por ser uma mulher negra, pobre, marginalizada e moradora do subúrbio. Aos olhos daquela sociedade ela não poderia ser tratada como uma princesa, pois a sua classe social e sua condição racial não permitiam.

Carmem Lúcia Negreiros (2007) afirma que Lima Barreto ao criar essa situação para a personagem estava revelando acontecimentos que ocorriam na estrutura social da época, isso significa que, esses fatores influenciavam as relações de poder familiar. O autor utilizou-se da modinha considerada acervo da memória cultural, contudo essas músicas retratavam a imagem do amor sempre acompanhado da felicidade.

Nessa perspectiva, podemos compreender as quimeras românticas de Clara dos Anjos, pois a partir do momento em que ela conhece o sedutor Cassi Jones, passa a viver somente daquele amor imaginário e é dessa imaginação que surge todo seu sofrimento. As cartas escritas por seu amado na qual ela respondia com muita expectativa, também contribuíram para sua desilusão. Ao acreditar nos elementos da construção cultural da sociedade, ou seja, nas crenças e nos valores de sua época, na qual uma moça da idade de Clara deveria arrumar um bom casamento, estas circunstâncias deixaram-na incapaz de perceber as consequências dessa busca desenfreada pelo amor, que só se concretizava no seu imaginário, pois Cassi não tinha intenção nenhuma de construir uma relação com a jovem mulata. Para Carmem Lúcia Negreiros (2007, p.05) “Na cultura brasileira, a visão romântica da função da mulher na sociedade patriarcal – matrimônio e maternidade – une-se a abordagem patológica para a ausência desse modelo feminino familiar”.

Nesse sentido, Lima Barreto traça um perfil para Clara dos Anjos, ou seja, utiliza da trajetória da personagem para mostrar que naquela época as mulheres não tinham voz nas decisões públicas, viviam em um mundo privado, com atividades domésticas e a espera de um matrimônio.

Engrácia, cujos cuidados maternos eram louváveis e meritórios, era incapaz do que é verdadeiramente educação. Ela não sabia apontar, comentar exemplos e fatos que iluminassem a consciência da filha e reforçassem-lhe o caráter, de forma que ela mesma pudesse resistir aos perigos que corria. (BARRETO, 1998, p.54)

E foi exatamente essa situação que aconteceu com Clara, repetindo a existência submissa de sua mãe que não tomava nenhuma decisão sem antes consultar o marido, evitando até de sair de casa, mesmo quando era necessário. A jovem mulata foi crescendo sem ter um conhecimento do que acontecia no mundo fora de sua casa, levando-a a viver de quimeras, tornando-se assim ainda mais vulnerável as desilusões.

Clara dos Anjos utilizava o sonho do casamento como uma forma de fugir da mesmice daquela vida pacata que levava. A protagonista queria se casar para tornar-se livre, conhecer os lugares que nunca tivera oportunidade de ir, pois os pais

não permitiam, mas essa liberdade era tolhida na vida doméstica, mas não em seu imaginário.

A jovem mulata era movida por pressupostos da tradição cultural, se apegando ao idealismo do casamento como felicidade incondicional. Essas são ideias vindas do romance romântico que colocava o casamento como papel obrigatório da mulher na sociedade.

É perceptível que Lima Barreto ao escrever suas obras mostrava a realidade que estava em seu entorno, lançando mão da ironia e do sarcasmo. A ironia infere-se no próprio título da obra que se contrapõe à personagem. Essa contradição reafirma a crítica sócio- racial que o autor elabora em seu romance, pois Clara era uma mulata, considerada por essa condição como negra. Outra ironia encontrada na obra é que Clara não se deu conta da sua condição social, só percebeu que estava sendo enganada nas últimas linhas do romance, foi preciso que a mãe de Cassi a ofendesse para ela reconhecer que o seu amado não passava de um sedutor sem escrúpulo. Assim encontramos na personagem Clara, a condição da mulher negra oriunda do subúrbio e vítima de assédio sexual:

Ela em si não era nada. Por isso Clara, ao suspeitar que havia sido abandonada por Cassi Jones, depois de ter sido desonrada, conclui que estava completamente desmoralizada sem esperança de remissão, e de resgate... (VASCONCELLOS, 1999, p.134)

Clara dos Anjos, nesse momento, encontrava-se em desespero, pois tinha perdido sua honra, sendo esta a coisa mais importante para uma mulher naquela época. Diante dos acontecimentos vivenciados por Clara, nota-se que Lima Barreto descreve em sua representação da personagem, o quanto a mulher sofria com a opressão social, era um ser totalmente subordinado. O autor por muitas vezes se colocou a favor das mulheres, expressando seu desejo de que a mulher ocupasse um papel importante na sociedade.

2.3. O “TRISTE FIM” DE CLARA DOS ANJOS

A maioria dos personagens de Lima Barreto tem geralmente um fim dramático. A realidade cruel de sua época é fielmente retratada em seus romances,

enquanto os escritores românticos traziam em suas obras personagens sempre com um final feliz, nas quais alcançavam o que desejavam, apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelo caminho. Lima Barreto vem contramão dessa ideia romântica, e expõe que nem sempre se consegue alcançar a felicidade desejada, não há sempre um final feliz, e suas obras demonstram essa verdade.

Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), o protagonista Isaías, cheio de esperanças vai para a cidade para ser doutor, e vê seus sonhos frustrados, é preso e acusado de roubo pelo simples fato de ser mulato, passa fome até conseguir um emprego com um conhecido, como continuo em um jornal, onde vê a decadência dos jornalistas tão admirados pelo povo.

Isaías ao presenciar uma sessão de orgia do redator e do editor do jornal com prostitutas recebe alguns privilégios para ficar calado e acaba sendo promovido a repórter. O sonho de estudar e ser doutor ficam distantes. O fim de Isaías não é o que ele almejou, mas antes os caminhos que a vida traçou para ele. É possível observar que nessa obra percebe-se nos primeiros capítulos uma autobiografia que remete as frustrações vividas pelo autor, ou seja, Lima Barreto criou em Isaías a expressão de suas aflições pessoais.

A obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), conta a história do major Quaresma, subsecretário no Arsenal de Guerra, que ama sua pátria, o Brasil. Seu nacionalismo faz com que estude a língua tupi-guarani, aprenda a tocar violão instrumento marginalizado em sua época, valorize o folclore e os usos e costumes dos silvícolas (Índios que vivem nas selvas, que não foram integrados à civilização).

Existia em Policarpo uma obsessão nacionalista, o romance é constituído de fatos históricos e sociais vivenciados nos primeiros anos da República. Alfredo Bossi (1983) compara Policarpo Quaresma a Dom Quixote, personagem de Miguel de Cervantes. Bossi (1983) ressalta que o “triste fim” de Policarpo é fruto de seu perfil quixotesco, ou seja, de um homem sonhador que foge da sua realidade. Policarpo acreditava no ufanismo presente nos livros lidos por ele, e resolveu recuperar a identidade brasileira. A narração de Lima Barreto deixa transparecer que existia uma relação cômica e política no romance.

Em *Clara dos Anjos* também podemos perceber essa tragédia que acometia os personagens de Lima Barreto. Os finais trágicos estavam sempre presentes e com Clara não é diferente, pois a moça vê suas ilusões de felicidade, esvaçadas pela realidade cruel. Segundo Lenivaldo Almeida (2006), existe nos personagens de

Lima Barreto uma busca constante pela felicidade, que ao ver os seus ideais sendo confrontados com a realidade acabam tendo destinos trágicos:

A narrativa de Lima Barreto apresenta uma relação dialógica entre uma visão idealista, que vai se degradando, e uma visão pessimista, que vai tomando corpo no decorrer da narrativa até se instaurar, num desenlace trágico, como uma perspectiva presente na existência humana. O pessimismo, nesse caso, se apresenta como um efeito dos erros de avaliação produzido por uma visão idealista. Pode-se inferir, nesse caso, que as representações sociais que legitimam as ações humanas são ilusórias e não têm referentes sólidos que as sustentem incondicionalmente. (ALMEIDA 2006, p.82)

Clara sonhava encontrar um rapaz que a amasse, e é justamente com esse desejo que começa seu sofrimento. Cassi ao encontrá-la enxerga mais um alvo, que se torna sua ambição, um novo desafio para saciar seu ego, uma nova conquista. O jovem era bem conhecido das autoridades e no subúrbio corria sua fama, pelas atrocidades que cometia contra as moças e as senhoras mais ingênuas e humildes, que geralmente ele assediava. Suas vítimas eram as mulheres pobres, mulatas/negras, desprotegidas e de famílias humildes, a quem prometia amor, casamento e ao conseguir o que realmente queria, as abandonava, pois para ele perdia o interesse, além de ter que fugir para não reparar as consequências de seus atos.

O rapaz era de família considerada rica, morava também no subúrbio em uma parte mais abastada, tinha certo status pelo sobrenome familiar, mas não era bem aceito pela família por saberem de suas falcaturas, menos sua mãe Dona Salustiana, que fazia de tudo para não ver o nome da família jogado na lama, e sempre dava um jeito de ajudar a livrar seu filho da cadeia. De certo modo, a mãe de Cassi era responsável pelo homem que o filho se tornou, pois desde jovem não soube impor limites, nem educar o filho, que acabou por ser uma pessoa sem escrúpulos e por não respeitar os semelhantes:

Nunca suportara um emprego, e a deficiência de sua instrução impedia-o que obtivesse um de acordo com as pretensões de muita coisa que herdara da mãe; além disso, devido à sua educação solta, era incapaz para o trabalho assíduo, seguido, incapacidade que, agora, roçava pela moléstia. A mórbida ternura da mãe por ele, a que não eram estranhas as suas vaidades pessoais, junto à indiferença desdenhosa do pai, com o tempo, fizeram de Cassi o tipo mais completo de vagabundo doméstico que se pode imaginar. (BARRETO, 1998, p.29)

Quando vê Clara, o jovem decide que ela seria seu próximo alvo, e quanto mais difícil se tornava a conquista, mais interesse despertava em Cassi. O rapaz não era muito inteligente, pois quando jovem não queria saber de estudos, seu pai o senhor Manoel Borges de Azevedo, fizera de tudo para que ele fosse alguém na vida, mas quase nunca estava presente em casa, tinha que trabalhar muito, e o filho foi criado pela mãe, que desde cedo o acostumou a fazer o que bem quisesse, pois ela sempre dava um jeito de esconder seus malfeitos.

A falta de inteligência e de empenho para o trabalho era compensado pela astúcia e coragem quando se tratava de suas conquistas amorosas, para alcançar seus objetivos maléficos, era muito esforçado e compenetrado, pois quando o assunto o interessava não poupava esforços.

Clara não tinha conhecimento de mundo, e por sua ingenuidade e pela redoma de proteção familiar, se torna uma presa fácil para Cassi, ela não sabia da fama do rapaz, e depois quando é alertada por seu padrinho Marramaque, não acredita, pois já estava tão envolvida pelo rapaz, cega pela paixão, que quando seu padrinho é assassinado por Cassi, mesmo desconfiada do envolvimento dele no crime, e após constatar a verdade, revelado pelo próprio assassino, ela ainda o perdoa.

Cassi Jones matou Marramaque, pois ele ameaçava seus planos, ao conhecer a vasta lista de crimes do rapaz, tentava afastá-lo de sua afilhada e da família. A protagonista revela em seus atos, a repetição do que ocorria nos subúrbios cariocas, que Lima Barreto relata como uma forma de denunciar os crimes contra as jovens que eram atraídas por suas ambições matrimoniais, levando-as a acreditar nas promessas de rapazes iguais a Cassi Jones.

Geralmente eram os rapazes de boas famílias, ricos, mas de má índole, que buscavam diversão atrás das moças sonhadoras dos subúrbios, num tempo em que o casamento era bastante valorizado, e com essa promessa conseguiam o que pretendiam, e depois abandonavam desonradas, grávidas, sem perspectiva de vida melhor no futuro, pois as mulheres desonradas da época não tinham mais a esperança de casamento e se estivessem grávidas piorava a situação, muitas se tornavam prostitutas para garantir a sobrevivência, transformavam-se assim em mulheres marcadas pela amargura e pela melancolia.

Clara, uma moça alienada a sua realidade de mulata, pobre, suburbana, não foi instruída por sua mãe, que criou a filha para ser uma mãe de família, e casar-se, como as moças de sua época. Dona Engrácia não conversava com a filha sobre as coisas que poderiam se suceder a uma moça que perdesse a honra em sua época, não buscava prevenir e deixar a filha preparada para se defender de tipos como Cassi Jones. Dona Engrácia, não sabia como falar com a filha, pois nem ela mesma era instruída, como poderia passar para Clara algum ensinamento, se em tudo ela dependia do marido?

O pai da jovem mulata não interferia muito na maneira como sua esposa criava Clara, suas preocupações estavam no trabalho de carteiro, na música e em passar as tardes de domingo jogando com os amigos. Mesmo sem ter prevenido a filha contra os males que lhe poderiam suceder, ao conhecer Cassi, a mãe de Clara já nutriu certa desconfiança do rapaz, não gostando da aproximação dos dois, daí Joaquim dos Anjos não aceitar o jovem frequentando a casa da família. A atitude dos pais de Clara gera em Cassi ainda mais vontade em vencer esse desafio, e ele traça todo um plano para alcançar sua vitória, que com todo esforço consegue.

A jovem é cada vez mais persuadida pelo rapaz, este envia cartas de amor, poesias que não eram de sua autoria, estas chegavam a Clara através do dentista, senhor Meneses, que estava cuidando de seus dentes na sua casa, conhecido da família da menina e também de Cassi. O dentista serviu de ponte para a comunicação entre os jovens, que iniciam um romance proibido, que terminou por trazer a desgraça à vida da pobre menina, mas para Clara, com suas noções do amor romântico, acreditar estar diante do verdadeiro amor, tudo valeria a pena para conseguir realizar, tornar concreto o sentimento dela e de seu amado.

É perceptível na trama do romance que há toda uma conspiração social e familiar que direciona indiretamente Clara para o seu Triste Fim, sua educação falha, restrita e enganosa, que lhe impossibilitou uma atitude de autoproteção, deixando-a sem defesas diante do mal que a cercava, e a venda que tinha em seus olhos, disfarçada de amor a direciona, sem defesas para cumprir seu destino.

A ilusão de ter encontrado um amor como nas modinhas que ouvia, gerou uma moça frágil sem percepção do que era bom ou ruim, que não tinha meios de perceber a realidade em que estava inserida, seus pais pensavam somente em protegê-la, deixando-a longe do mundo e privando-a dos sofrimentos que pudessem vir a atingi-la, gerando na menina um desejo maior de conseguir vivenciar aquele

sentimento. A atitude dos pais impediu que Clara se fortalecesse, pois a impediram de estar preparada para enfrentar os problemas e a identificar os possíveis males.

Os pais pensavam que estavam fazendo o melhor, mas terminaram por acelerar as probabilidades de acontecer à tragédia inevitável, eles só facilitaram pra que a menina caísse na armadilha. A reação de Clara acontece somente após todo o problema se concretizar, quando se vê abandonada e sem saber o que fazer, tem a percepção de Dona Margarida, que vendo o que se sucedera a menina a aconselha a falar tudo a mãe D. Engrácia, que se desespera junto com a filha. D. Margarida toma a atitude de levar Clara a casa de Cassi para conversar com a família do rapaz, porém este já havia escapado. A jovem é recebida pela mãe de Cassi que a despreza e a expulsa, dizendo que ela era a culpada por sua situação, e que seu filho não tinha que retratar em nada, e não queria como nora uma mulher como Clara, mulata e pobre.

Casado com gente dessa laia... Qual!... Que diria meu avô, Lord Jones, que foi cônsul da Inglaterra em Santa Catarina – que diria ele, se visse tal vergonha? Qual! Parou um pouco de falar; e, após instantes, aduziu: - Engraçado, essas sujeitas! Queixam-se de que abusaram delas... É sempre a mesma cantiga... Por acaso, meu filho as amarra, as amordaça as ameaças com faca e revólver? Não. A culpa é delas, só delas... (BARRETO, 1998, p.131)

É nesse momento que a menina Clara se dá conta de sua realidade, da verdadeira forma de pensar da sociedade representada por Dona Salustiana, desvelando assim a face do preconceito racial e social, e pela primeira vez, a protagonista percebe a realidade, a mazela social na que estava imersa, a redoma de vidro construída por seus pais. Revelações que rompem com tudo em que ela acreditava. A cortina que a separava do mundo real cai e, é através dessa percepção, que se concretiza o “triste fim” de Clara, que agora se vê mãe solteira, desonrada e abandonada, por Cassi e pela sociedade. O que fazer agora? O mal já estava ali e era tarde, não tinha mais como voltar atrás.

A trajetória de Clara, desde seu nascimento, passando pelos anos de sua formação como mulher, colaborou para a tragédia final de sua história amorosa mal sucedida, assemelhando-se a um roteiro seguido por muitas moças suburbanas, que alienadas pelos ideais de sua época, sofreram com as consequências de sua falta de domínio sobre si e de conhecimento de mundo.

CONCLUSÃO

Lima Barreto constrói sua literatura utilizando como matéria-prima a realidade social de sua época, ou seja, o período de entre séculos XIX-XX, descrevendo em seus romances suas vivências mais marcantes, como o preconceito. O escritor lança mão de uma linguagem simples e faz de sua literatura um compromisso com a denúncia das opressões ocorridas no Brasil. Em *Clara dos Anjos*, o autor em sua narrativa coloca em evidência as mudanças ocorridas no Rio de Janeiro, relatando as condições de vida dos negros e oprimidos, excluídos por uma sociedade preconceituosa, ressaltando, no entanto, as condições de vida das mulheres no subúrbio.

Clara dos Anjos é uma narrativa em terceira pessoa que conta a história de uma menina de dezessete anos pobre, mulata e moradora do subúrbio. Tinha a educação e a proteção da família bastante exagerada. Assim, Clara cresceu sem contestar a sua condição social e achava que conseguindo um casamento ela teria uma vida melhor, ou conquistaria certa liberdade. A menina se deixou influenciar pelo sedutor Cassi Jones, um homem branco, com idade de mais ou menos trinta anos e conhecido “modinhoso”.

Em meio a uma existência sem muitas novidades, Clara dos Anjos passa a cultivar algumas quimeras românticas, que em função de sua inocência, terminou por construir um amor que só existia em seu imaginário. E foi dessa maneira, que o cantor de modinhas Cassi Jones conseguiu seduzi-la. Depois de algum tempo, Clara descobre que está grávida, mas seu algoz desaparece deixando-a desonrada. A menina procura a família do rapaz, para reparar os danos, mas ela é humilhada e ofendida e, dessa maneira, ela termina compreendendo sua real condição social.

As experiências vividas pela protagonista dialogam com as realidades vividas por muitos indivíduos, que em consequência da cor e da classe social terminaram sendo excluídos da sociedade. Assim Lima Barreto, aborda em seu romance a submissão que os negros sofriam perante as classes mais favorecidas, em particular as mulheres.

Diante da construção da obra analisada, o autor convida o leitor a refletir acerca das condições daqueles que eram colocados à margem da sociedade. Ao

longo da narrativa, Lima Barreto revela um tom irônico ao decretar um triste fim para personagem Clara, que só percebe a sua condição social no final do romance.

Constatou-se após as leituras e as análises realizadas, que sem dúvida, Lima Barreto representou a voz do subúrbio e dos excluídos. Isso ocorre porque sua obra manteve insistentemente a temática da denúncia social, trazendo à tona aquilo que outros escritores faziam questão de ignorar e, talvez por isso, foi incluído também no rol dos escritores da literatura afro-brasileira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lenivaldo Gomes de. **Um Autor à Procura de uma Alma**. 2006. 138f. Teses de Doutorado (Pós-graduação em Letras Vernáculas) Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

BARRETO, Lima. **Recordações do escrivo Isaias Caminha**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Ática, 1998.

BARRETO, Lima. **Histórias e sonhos**. 1920. Disponível em: < http://www3.universia.com.br/conteudo/literatura/Historias_e_sonhos.pdf > Acesso em 08 de out. 2015.

BARRETO, Lima. **Diário Íntimo**. 1904. Disponível em: < <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/intimo.html> > Acesso em 24 ago. 2015.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1983.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008**. Estabelece que nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. República Federativa do Brasil. Brasília, DF. 10 de março de 2008. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm > Acesso em: 01 out. 2015.

CALOTI, Vinícius de Aguiar. **Clara dos Anjos: uma interpretação do Brasil**. Revista Simbiótica – Universidade Federal do Espírito Santo – Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias. Departamento de Ciências Sociais – ES – Brasil. Simbiótica, Ufes,v.ún.,n.3. junho - 2013

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 5 ed. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

COUTINHO, Afrânio; SOUZA, J. Galante. **Enciclopédia de Literatura Brasileira**, Global Editora Vol. 1. 2001.

CORRÊA, Henrique Sergio Silva. **A construção da mulher sob a ótica de Lima Barreto na Revista A.B.C**. Fazendo Gênero 9.Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e Afro-descendência. In: DUARTE, Eduardo de Assis, **Literatura, Política, Identidade**. Belo Horizonte: FAE-UFMG: 2005 p. 113-131.

ENGEL, Magali Gouveia. "**Gênero e Política em Lima Barreto**". In: Cadernos Pagu. Nº32 junho/2009.

EVARISTO, Conceição. **Da Representação à Auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira**. Disponível em: < <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf> > ENSAIOS. Acesso em: 20 jun. 2015.

FANTINATI, Carlos Erivany. **Lima Barreto e a Mulher**. ISSN 1679-849X. Revista nº 12. Disponível em: < http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/num12/art_08.php > Acesso em: 08 maio 2015.

FATTORI, Danusa da Matta Duarte. **A modernidade e a mulher em Triste fim de Policarpo Quaresma**. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/magma/article/download/48467/52327> > Acesso em: 08 Abr. 2015.

FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna. **O Romance de Lima Barreto e sua recepção**. Belo Horizonte: Ed, LÊ, 1995. (Coleção Letras).

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. **A sedução da imagem de amor em Clara dos anjos, de Lima Barreto**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Revista LitCult - Vol.6- 2007. Disponível em< <http://litcult.net/a-seducacao-da-imagem-de-amor-em-clara-dos-anjos-de-lima-barreto-2/> > Acesso em 10 jun. 2015.

GUGLIOTTA, Alexandre Carlos. SILVA, Danielle Souza Fialho da - Mestrados em História- UERJ. **Artigo clara percepção de Lima Barreto: gênero e raça no romance Clara dos Anjos**. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades ISSN-1678-3182. Volume V, Número XVII – Abril Jun. 2006.

IANNI, Octávio. **Literatura e consciência**. In. Revista do Instituto de Estudos MATTOS E GUERRA, Gregório de. **Epigrama**. Disponível em: < http://www.releituras.com/gmattos_epigrama.asp > Acesso em 07 out. 2015.

JÚNIOR, R. Magalhães "**Antologia de Humorismo e Sátira**", Editora Civilização Brasileira - Rio de Janeiro, 1957, pág. 05. Gregório de Mattos e Guerra. **Epigrama**. Disponível em: < http://www.releituras.com/gmattos_epigrama.asp > Acesso em 07 out. 2015.

LIMA, Marcos Hidemi de. **Pobre, mulata e mulher: a estigmatização de Clara dos Anjos**. Disponível em: < <http://150.164.100.248/literafro/data1/autores/92/limabarretocritica2-2.pdf> > Acesso em: 20 jun. 2015.

LOPES, Elisângela. Silva. Riverson da. **Lima Barreto e a Literatura Afro-Brasileira: o preconceito social e étnico nas malhas da ficção**. Disponível em: <

<http://docplayer.com.br/1314093-Lima-barreto-e-a-literatura-afro-brasileira-o-preconceito-social-e-etnico-nas-malhas-da-ficcao.html> > Acesso 09 maio 2015

NETO, Joachin Melo Azevedo. **Lima Barreto e os Suburbanos: O Cotidiano. Traçado em Linhas Afetivas**. Revista de Literatura, História e Memória. VOL. 7. Nº 10- 2011. ISSN 1809-5313. UNIOESTE / CASCAVEL. P. 229-243. Dossiê Literatura, História e Memória.

PROENÇA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Estudos avançados 18 (50), 2004. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017>
Acesso em 24 agosto 2015.

RANGEL, Tauã Lima Verdan. **Dialogando com Clara dos Anjos: uma análise transdisciplinar da ficção de Lima Barreto**. Disponível em: <
http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=12866> Acesso em: 12 maio 2015

SACHINSKI, Juliana Bezerra de Oliveira. **O Lugar Social Imposto à Mulher no Romance Clara dos Anjos, (1922) de Lima Barreto**. (PG-UEMS). Disponível em: <
http://famanet.br/scriptio/wp-content/uploads/revistas/O_lugar_social_imposto_a_mulher_no_romance_Clara_dos_Anjos_1922_de_Lima_Barreto.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2015.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 3ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

SILVA, Tulana Oliveira da. **“Claras” dos Anjos**. 2010 / Tulana Oliveira da Silva. - São José do Rio Preto: [s.n.], 2010. 97f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras e Ciências Exatas) Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2010.

SILVA, Adriana dos Reis. PALHARES, Carlos Vinícius Teixeira. **A construção do espaço em “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto**. Cespuc. Disponível em: <
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/2438/2843>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

SOUZA, Forentina. LIMA, Maria Nazaré. **Literatura Afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. 220p.

VASCONCELLOS, Eliane. **Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores. 1999.